

FRI, 1 OCT 2021

Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.

## Crise energética global pressiona economias

Ana Batalha Oliveira

O mercado energético está no meio de uma tempestade perfeita. Preços dos combustíveis fósseis e da eletricidade preocupam em todo o globo. A crise energética já é uma crise global. Há meses que na Europa soam alarmes sobre os preços da eletricidade, mas os picos nos preços têm-se estendido a fontes de energia fósseis, do gás natural ao petróleo, e o desequilíbrio nos mercados energéticos tem-se sentido de uma ponta à outra do globo. Tudo isto poderá atrasar a recuperação das economias, já castigadas pela pandemia de covid-19. A turbulência faz-se notar entre os combustíveis fósseis. O preço do gás natural quadruplicou nos últimos 12 meses e está em níveis do último trimestre de 2008. O carvão quadruplicou de preço nos últimos 14 meses e atingiu cotações recorde, impulsionado pela diminuição da oferta na China, dado os esforços para a neutralidade carbónica. O barril de petróleo Brent, negociado em Londres e referência na Europa, chegou em setembro aos 80 dólares por barril, pela primeira vez desde setembro de 2018, enumera Paulo Rosa, economista sénior do Banco Carregosa.

Aconteceu aqui a “tempestade perfeita”, afirma Ricardo Evangelista, analista sénior e diretor executivo da ActivTrades Europe. A pandemia gerou uma “enorme” quebra do consumo e resultou em preços mais baixos, o que tornou a exploração de petróleo e gás natural menos rentável. Com o fim dos confinamentos, o consumo aumentou subitamente e as reservas energéticas diminuíram. “Esta perda de equilíbrio entre a oferta e procura tem gerado alguma competição, ao estilo de leilão, entre, por exemplo, a China e a Europa, o que também tem contribuído para a inflação nos preços”, conclui. Este cenário tem efeitos diretos nos preços da energia e nas atividades económicas, e com a aproximação do inverno a pressão está a aumentar.

Na China, várias fábricas foram alvo de cortes na energia, afetando a respetiva produção, escreve a agência Reuters. Também já foi implementado um racionamento nas horas de ponta desde a semana passada em algumas partes do nordeste da China, e os cortes no abastecimento chegaram às casas. A Administração Nacional de Energia pediu às empresas de carvão e gás natural que assegurem o fornecimento de forma a que os lares chineses possam manter-se quentes durante o inverno.

Do outro lado do Pacífico, nos Estados Unidos, os preços do gás estão mais baixos do que na Europa e na Ásia, mas ainda assim estão perto de máximos de 2014, e as reservas estão abaixo da média dos últimos cinco anos, avança a Bloomberg. No Brasil, as importações de gás subiram para um nível nunca antes atingido, já que a produção hídrica está em mínimos, e a fatura da luz está a ficar mais pesada. Países como o Paquistão ou o Bangladesh podem mesmo deixar de ter capacidade para comprar o gás que alimenta as suas necessidades, continua a mesma agência de notícias. Na Europa, Reino Unido e Itália têm sido os países mais castigados nos preços da energia, já que são os mais dependentes do gás natural. Em “terras de sua majestade”, os preços a que os comercializadores compram eletricidade aos produtores (os chamados preços grossistas) quadruplicaram no último ano. Recentemente, um incêndio numa das ligações mais importantes com França, que permite a importação de energia deste país, veio agudizar a situação.

No mercado grossista ibérico, setembro foi o mês mais caro de sempre desde 2007, o ano em que este mercado arrancou. Quarta-feira, dia 29, verificou-se o preço médio diário mais elevado de que há registo.

As feridas do ‘curto-circuito’

“Esta situação é um drama generalizado em toda a Europa”, afirma, em declarações ao Expresso, Antonio Delgado Rigal, o CEO da empresa espanhola Aleasoft, que se dedica a fazer previsões para o mercado da energia. “Se os preços continuarem altos por muito tempo, esta situação pode levar a uma crise económica global.”

O economista sénior do Banco Carregosa acredita que “a subida dos preços da energia poderá redundar num período de estagflação”, isto é, de fraco crescimento económico, aumento do desemprego e subida da inflação. Ricardo Evangelista acrescenta que um cenário de inflação alta poderá forçar os principais bancos centrais a começar a reduzir os programas de compra de ativos e a subir as taxas de juro, “num momento que talvez não seja o ideal, já que as principais economias ainda estão numa fase de recuperação no pós-pandemia”.

A Aleasoft aponta que as famílias e as empresas serão afetadas pelo aumento dos preços da eletricidade e do gás, com a indústria a ser obrigada a subir os preços dos produtos e a, por vezes, parar a produção, que pode mexer com os números do emprego e da riqueza dos países.

A expectativa partilhada por estas fontes é a de que os preços da eletricidade continuarão altos, pelo menos até ao final do ano ou do primeiro trimestre de 2022. “Mais à frente, a médio e longo prazo, esperamos que os preços baixem e se recupere o equilíbrio do mercado”, acredita a Aleasoft. O aumento da produção de petróleo — que está nas mãos do cartel de exportadores — de gás e de carvão podem ajudar a baixar os preços, assim como o aumento da produção eólica, que deverá acontecer no inverno.

aboliveira@expresso.impresa.pt

RÚSSIA

RÚSSIA AMEAÇA BLOQUEAR YOUTUBE

O órgão regulador das telecomunicações russo Roskomnadzor ameaçou bloquear o YouTube se a rede social se recusasse a levantar a suspensão das contas alemãs do canal de televisão público russo RT. A autoridade das telecomunicações russa declarou que pediu ao Google, a empresa-mãe da rede social, “que levantasse o mais rápido possível as restrições impostas aos canais do RT DE e Der Fehlende Part no YouTube”. O portal norte-americano do Google bloqueou as contas daqueles canais na terça-feira por violarem as regras internas da comunidade ao disseminar “informações falsas” sobre o novo coronavírus e por querer contornar a suspensão do download.

#### CHINA

Evergrande vende participação em banco

A imobiliária chinesa Evergrande anunciou a venda de 19,93% das ações do banco comercial Shengjing Bank a um conglomerado estatal, por 9.993 milhões de yuans (1.322 milhões de euros), numa altura em que regista falta de liquidez. Em comunicado, enviado à Bolsa de Valores de Hong Kong, a Evergrande indicou que, após a transação, a sua participação no Shengjing Bank caiu de 34,5% para 14,57%. A Evergrande vai transferir 1.753 milhões de ações um preço unitário de 5,7 yuans (75 cêntimos de euro). O dinheiro provavelmente não vai para a tesouraria da construtora, já que o Shengjing Bank exigiu que o lucro líquido que a Evergrande obtiver com a operação pague as dívidas que tem com o banco. O conglomerado que adquiriu a participação é identificado no documento como Shenyang Shengjing Finance Investment Group, um grupo estatal, formado por diferentes instituições da cidade de Shenyang — onde o banco tem sede — e da província de Liaoning.

#### ESPANHA

MADRID MANTÉM SEDE DA OMT

80 milhões de euros serão investidos na construção da nova sede da Organização Mundial do Turismo (OMT), em Madrid. Esta é uma das condições para que aquela organização continue na capital espanhola e não vá para Riade, na Arábia Saudita, mas foi, acima de tudo, a ofensiva diplomática do país vizinho que assegurou a manutenção da OMT em Madrid. A Arábia Saudita fez saber esta semana às autoridades do Ministério dos Assuntos Exteriores espanhol que decidiu não apresentar a sua candidatura para albergar a sede daquele organismo das Nações Unidas.

#### ISRAEL

MAIS DE 670 INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS EUROPEIAS ENVOLVERAM--SE, NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS, EM TRANSAÇÕES COM EMPRESAS LIGADAS A COLONATOS ISRAELITAS NOS TERRITÓRIOS PALESTINIANOS, ILEGAIS SEGUNDO A LEI INTERNACIONAL, DENUNCIARAM ESTA SEMANA VÁRIAS ONG. DE ACORDO COM UM RELATÓRIO DE CERCA DE 20 ORGANIZAÇÕES NÃO--GOVERNAMENTAIS, ESTAS TRANSAÇÕES MOVIMENTARAM CERCA DE 218 MIL

#### ANGOLA

João Lourenço quer parceria estratégica com Espanha

O Presidente de Angola pretende, com a visita que fez a Espanha, estabelecer com este país “uma verdadeira parceria estratégica”, estando o mercado angolano “aberto a uma maior presença” de empresários espanhóis. Num almoço em que foi convidado do rei de Espanha, assegurou que pretende “com esta visita estabelecer uma verdadeira parceria estratégica” com Espanha, “reforçando os laços de amizade e de cooperação em importantes domínios” da economia angolana. O chefe de Estado angolano fez em seguida questão de “destacar” os sectores em que gostaria de concentrar essa “parceria estratégica”, tendo referido “a política, educação, agricultura, energia, construção civil, pescas, saúde, defesa e segurança e outros domínios”. E considerou que Espanha é “uma das mais importantes economias da União Europeia”, contando com ela para que “Angola volte a trilhar o caminho do crescimento e do desenvolvimento”, travado pela crise provocada pela covid-19.

#### FRANÇA

Paris assina acordo de venda de fragatas à Grécia

A França assinou esta semana um acordo para vender três fragatas à Grécia, uma nova etapa da “parceria estratégica” entre Paris e Atenas no Mediterrâneo, 10 dias após a crise gerada pela suspensão da venda de submarinos à Austrália. Este acordo foi assinado no Palácio do Eliseu entre o Presidente francês, Emmanuel Macron, e o primeiro-ministro grego, Kyriakos Mitsotakis. Macron sublinhou que a defesa europeia nas mãos dos europeus não é “uma alternativa” nem “uma substituição” do papel que os Estados Unidos desempenharam, mas sim um “assumir deste pilar europeu no quadro da NATO”. “Os europeus devem deixar de ser ingénuos”, disse o chefe de Estado francês no final da cerimónia, apelando aos europeus para “mostrarem” que “também têm o poder e a capacidade de se defenderem”. Segundo Macron, os europeus devem “retirar todas as consequências” do facto de os Estados Unidos “se concentrarem em si próprios e terem interesses estratégicos reorientados para a China e o Pacífico”.

Os preços do carvão e gás natural quadruplicaram em cerca de um ano. O barril de petróleo londrino já está nos 80 dólares

O desequilíbrio entre a oferta e a procura, que resulta da pandemia, está a pressionar os preços da energia | gettyimages

<b>OUTLET</b>	Expresso	<b>FREQUENCY</b>	Weekly
<b>SECTION</b>	Economia	<b>CIRCULATION</b>	55,385 Weekly
<b>COUNTRY</b>	Portugal	<b>IMPRESSIONS</b>	115,086
<b>LANGUAGE</b>	Portuguese	<b>AVE</b>	€37,207
<b>SIZE</b>	700 cc	<b>SENTIMENT</b>	Neutral
<b>PAGES</b>	30, 31	<b>DISTRIBUTION</b>	Portugal
<b>BYLINE</b>	Ana Batalha Oliveira		

# Crise energética global pressiona economias

O mercado energético está no meio de uma **tempestade perfeita**. Preços dos combustíveis fósseis e da eletricidade preocupam em todo o globo



O desequilíbrio entre a oferta e a procura, que resulta da pandemia, está a pressionar os preços da energia FOTO GETTY IMAGES

ANA BATALHA OLIVEIRA

A crise energética já é uma crise global. Há meses que na Europa soam alarmes sobre os preços da eletricidade, mas os picos nos preços têm-se estendido a fontes de energia fósseis, do gás natural ao petróleo, e o desequilíbrio nos mercados energéticos tem-se sentido de uma ponta à outra do globo. Tudo isto poderá atrasar a recuperação das economias, já castigadas pela pandemia de covid-19.

A turbulência faz-se notar entre os combustíveis fósseis. O preço do gás natural quadruplicou nos últimos 12 meses e está em níveis do último trimestre de 2008. O carvão quadruplicou de preço nos últimos 14 meses e atingiu cotações recorde, impulsionado pela diminuição da oferta na China, dado os esforços para a neutralidade carbónica. O barril de petróleo Brent, negociado em Londres e referência na Europa, chegou em setembro aos 80 dólares por barril, pela primeira vez desde setembro de 2018, enumera Paulo Rosa, economista sênior do Banco Carregosa.

Aconteceu aqui a “tempestade perfeita”, afirma Ricardo Evangelista, analista sênior e diretor executivo da ActivTrades Europe. A pandemia gerou uma “enorme” quebra do consumo e resultou em preços mais baixos, o que tornou a exploração de petróleo e gás natural menos rentável. Com o fim dos confinamentos, o consumo aumentou subitamente e as reservas energéticas diminuíram. “Esta perda de equilíbrio entre a oferta e procura tem gerado alguma competição, ao estilo de leilão, entre, por exemplo, a China e a Europa, o que também tem contribuído para a inflação nos preços”, conclui. Este cenário tem efeitos diretos nos preços da energia e nas atividades económicas, e com a aproximação do inverno a pressão está a aumentar.

Na China, várias fábricas foram alvo de cortes na energia, afetando a respetiva produção,

escreve a agência Reuters. Também já foi implementado um racionamento nas horas de ponta desde a semana passada em algumas partes do nordeste da China, e os cortes no abastecimento chegaram às casas. A Administração Nacional de Energia pediu às empresas de carvão e gás natural que assegurem o fornecimento de forma a que os lares chineses possam manter-se quentes durante o inverno.

Do outro lado do Pacífico, nos Estados Unidos, os preços do gás estão mais baixos do que na Europa e na Ásia, mas ainda assim estão perto de máximos de 2014, e as reservas estão abaixo da média dos últimos cinco anos, avança a Bloomberg. No Brasil, as importações de gás subiram para um nível nunca antes atingido, já que a produção hídrica está em mínimos, e

**Os preços do carvão e gás natural quadruplicaram em cerca de um ano. O barril de petróleo londrino já está nos 80 dólares**

a fatura da luz está a ficar mais pesada. Países como o Paquistão ou o Bangladesh podem mesmo deixar de ter capacidade para comprar o gás que alimenta as suas necessidades, continua a mesma agência de notícias.

Na Europa, Reino Unido e Itália têm sido os países mais castigados nos preços da energia, já que são os mais dependentes do gás natural. Em “terras de sua majestade”, os preços a que os comercializadores compram eletricidade aos produtores (os chamados preços grossistas) quadruplicaram no último ano. Recentemente, um incêndio numa das ligações mais importantes com França, que permite a importação de energia deste país, veio agudizar a situação.

No mercado grossista ibérico, setembro foi o mês mais caro de sempre desde 2007, o ano

em que este mercado arrancou. Quarta-feira, dia 29, verificou-se o preço médio diário mais elevado de que há registo.

## As feridas do ‘curto-circuito’

“Esta situação é um drama generalizado em toda a Europa”, afirma, em declarações ao Expresso, Antonio Delgado Rigal, o CEO da empresa espanhola Aleasoft, que se dedica a fazer previsões para o mercado da energia. “Se os preços continuarem altos por muito tempo, esta situação pode levar a uma crise económica global.”

O economista sênior do Banco Carregosa acredita que “a subida dos preços da energia poderá redundar num período de estagflação”, isto é, de fraco crescimento económico, aumento do desemprego e subida da inflação. Ricardo Evangelista acrescenta que um cenário de inflação alta poderá forçar os principais bancos centrais a começar a reduzir os programas de compra de ativos e a subir as taxas de juro, “num momento que talvez não seja o ideal, já que as principais economias ainda estão numa fase de recuperação no pós-pandemia”.

A Aleasoft aponta que as famílias e as empresas serão afetadas pelo aumento dos preços da eletricidade e do gás, com a indústria a ser obrigada a subir os preços dos produtos e a, por vezes, parar a produção, que pode mexer com os números do emprego e da riqueza dos países.

A expectativa partilhada por estas fontes é a de que os preços da eletricidade continuarão altos, pelo menos até ao final do ano ou do primeiro trimestre de 2022. “Mais à frente, a médio e longo prazo, esperamos que os preços baixem e se recupere o equilíbrio do mercado”, acredita a Aleasoft. O aumento da produção de petróleo — que está nas mãos do cartel de exportadores — de gás e de carvão podem ajudar a baixar os preços, assim como o aumento da produção eólica, que deverá acontecer no inverno.

aboliveira@expresso.imprensa.pt

## 1 RÚSSIA



FOTO DADO RUVIC/REUTERS

## RÚSSIA AMEAÇA BLOQUEAR YOUTUBE

O órgão regulador das telecomunicações russo Roskomnadzor ameaçou bloquear o YouTube se a rede social se recusasse a levantar a suspensão das contas alemãs do canal de televisão público russo RT. A autoridade das telecomunicações russa declarou que pediu ao Google, a empresa-mãe da rede social, “que levantasse o mais rápido possível as restrições impostas aos canais do RT DE e Der Fehlende Part no YouTube”. O portal norte-americano do Google bloqueou as contas daqueles canais na terça-feira por violarem as regras internas da comunidade ao disseminar “informações falsas” sobre o novo coronavírus e por querer contornar a suspensão do download.



## 4 CHINA

### Evergrande vende participação em banco

A imobiliária chinesa Evergrande anunciou a venda de 19,93% das ações do banco comercial Shengjing Bank a um conglomerado estatal, por 9.993 milhões de yuans (1.322 milhões de euros), numa altura em que regista falta de liquidez. Em comunicado, enviado à Bolsa de Valores de Hong Kong, a Evergrande indicou que, após a transação, a sua participação no Shengjing Bank caiu de 34,5% para 14,57%. A Evergrande vai transferir 1.753 milhões de ações um preço unitário de 5,7 yuans (75 céntimos de euro). O dinheiro provavelmente não vai para a tesouraria da construtora, já que o Shengjing Bank exigiu que o lucro líquido que a Evergrande obtiver com a operação pague as dívidas que tem com o banco. O conglomerado que adquiriu a participação é identificado no documento como Shenyang Shengjing Finance Investment Group, um grupo estatal, formado por diferentes instituições da cidade de Shenyang — onde o banco tem sede — e da província de Liaoning.

## 5 ESPANHA

MADRID MANTÉM SEDE DA OMT

# 80

milhões de euros serão investidos na construção da nova sede da Organização Mundial do Turismo (OMT), em Madrid. Esta é uma das condições para que aquela organização continue na capital espanhola e não vá para Riade, na Arábia Saudita, mas foi, acima de tudo, a ofensiva diplomática do país vizinho que assegurou a manutenção da OMT em Madrid. A Arábia Saudita fez saber esta semana às autoridades do Ministério dos Assuntos Exteriores espanhol que decidiu não apresentar a sua candidatura para albergar a sede daquele organismo das Nações Unidas.



## 2 ISRAEL

**MAIS DE 670 INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS EUROPEIAS ENVOLVERAM-SE, NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS, EM TRANSAÇÕES COM EMPRESAS LIGADAS A COLONATOS ISRAELITAS NOS TERRITÓRIOS PALESTINIANOS, ILEGAIS SEGUNDO A LEI INTERNACIONAL, DENUNCIARAM ESTA SEMANA VÁRIAS ONG. DE ACORDO COM UM RELATÓRIO DE CERCA DE 20 ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS, ESTAS TRANSAÇÕES MOVIMENTARAM CERCA DE 218 MIL MILHÕES DE EUROS**

## 3 ANGOLA

### João Lourenço quer parceria estratégica com Espanha



FOTO ANA BAIÃO

O Presidente de Angola pretende, com a visita que fez a Espanha, estabelecer com este país "uma verdadeira parceria estratégica", estando o mercado angolano "aberto a uma maior presença" de empresários espanhóis. Num almoço em que foi convidado do rei de Espanha, assegurou que pretende "com esta visita estabelecer uma verdadeira parceria estratégica" com Espanha, "reforçando os laços

de amizade e de cooperação em importantes domínios" da economia angolana. O chefe de Estado angolano fez em seguida questão de "destacar" os sectores em que gostaria de concentrar essa "parceria estratégica", tendo referido "a política, educação, agricultura, energia, construção civil, pescas, saúde, defesa e segurança e outros domínios". E considerou que Espanha é "uma das mais importantes economias da União Europeia", contando com ela para que "Angola volte a trilhar o caminho do crescimento e do desenvolvimento", travado pela crise provocada pela covid-19.



## 6 FRANÇA

### Paris assina acordo de venda de fragatas à Grécia

A França assinou esta semana um acordo para vender três fragatas à Grécia, uma nova etapa da "parceria estratégica" entre Paris e Atenas no Mediterrâneo, 10 dias após a crise gerada pela suspensão da venda de submarinos à Austrália. Este acordo foi assinado no Palácio do Eliseu entre o Presidente francês, Emmanuel Macron, e o primeiro-ministro grego, Kyriakos Mitsotakis. Macron sublinhou que a defesa europeia nas mãos dos europeus não é "uma alternativa" nem "uma substituição" do papel que os Estados Unidos desempenharam, mas sim um "assumir deste pilar europeu no quadro da NATO". "Os europeus devem deixar de ser ingénuos", disse o chefe de Estado francês no final da cerimónia, apelando aos europeus para "mostrarem" que "também têm o poder e a capacidade de se defenderem". Segundo Macron, os europeus devem "retirar todas as consequências" do facto de os Estados Unidos "se concentrarem em si próprios e terem interesses estratégicos reorientados para a China e o Pacífico".



FOTO EPALUDOVIC MARIN / POOL MAXPPP/OUT